

PAOLA
ALEKSANDRA

Tolle
essência
PARA MIM



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Escócia

Fife

EDIMBURGO

Durham

Irlanda do Norte

BELFAST

Ilha de Man

DOUGLAS

IRLANDA

DUBLIN

REINO UNIDO

País de Gales

Inglaterra

CARDIFF

LONDRES

FRANÇA


Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.



Mantenha a cabeça erquida. Não importa o que foi feito ou dito, o perdão existe para aqueles que enfrentam seus erros, superam o passado e constroem um novo futuro. Nunca esqueça disso, minha menina.



(Trecho da carta de Rowena Hamilton para a filha Brianna, em agosto de 1820.)

 **essência**

1827, *Durham (Norte da Inglaterra)*

Achei que nunca mais colocaria os pés na Inglaterra. Mas aqui estou, parada em frente à casa Hamilton, lar que assombra meus pensamentos desde o dia em que resolvi lutar por um destino diferente daquele que meus pais escolheram para mim.

Onze anos se passaram, mas a sensação é de imutabilidade. O cheiro característico de lírios, a beleza dos cardos que dão cor ao jardim, a brisa leve que dissipa o tempo abafado e afaga meu cabelo e uma enxurrada de lembranças que me dizem que finalmente estou em casa. Meu coração exulta de alegria por retornar, mas minha mente não consegue deixar de lado a certeza do não pertencimento.

As lembranças da minha partida são dolorosas e me tomam de assalto. Depois de dias de viagem deveria me preocupar com dores no corpo, fome, sono e com a minha aparência desgredada. Mas ao olhar para a casa, relembrar minha juventude, só consigo pensar na dor que infligi àqueles que mais me amavam.

Como um soco, as recordações me atacam. Tudo gira, tudo dói e acabo de joelhos, tremendo de dor por um passado inalterável.

Quando decidi fugir, estava consciente das consequências. Aos dezesseis anos, escolhi deixar meus pais, minha irmã, meu melhor amigo e meu lar amoroso e acolhedor para encontrar algo que não sabia nominar. Por mais que não me arrependa de ter fugido para a Escócia – ainda seria imatura e mimada se tivesse permanecido –, nunca me perdorei por ter demorado tanto para voltar.

Na época em que minha família precisou de mim eu estava longe, em uma jornada para me tornar uma mulher tão independente quanto minha mãe fora um dia. E à medida que eu crescia, conhecia novos lugares e descobria o poder da liberdade, enquanto aqueles que amo tiveram que enfrentar as repercussões de minha partida.

Inconsequente, egoísta e tola, minha mente grita. Mas, enquanto me levanto e tiro o pó da saia, meu coração responde *curiosa, esperançosa e aventureira*.

A vida na Escócia nem sempre foi fácil. Mas é fato que, longe das tolas regras e pompas sociais, vivi anos maravilhosos. Só que agora precisam de mim. É hora de ajudar minha família, ou o que ainda resta dela, e assumir o posto que me foi designado.

Respiro fundo, ajeito as mechas rebeldes e arrasto meus parcos pertences até a entrada da casa.

Minha casa.

Chegou a hora de recomeçar.





Verão de 1815, Durham

— Mãe, conte uma história! Brianna e eu queremos saber mais sobre a Escócia.

Malvina, com seus olhos azuis, brilhosos e risonhos, encarava nossa mãe com tanto amor que, tenho certeza, ela contaria quantas histórias a garotinha quisesse. Sinceramente, até eu faria isso caso ela me pedisse com esse mesmo olhar. Minha irmã era uma criança tão linda e dócil que, além de resplandecer e alegrar qualquer cômodo, encantava até o ser mais obstinado. E isso com apenas cinco anos!

— Mãe, por favor, conte logo uma história para que possamos pôr Mal para dormir. Só assim teremos um pouco de sossego — disse, estampando um sorriso na face e puxando com carinho o cabelo trançado de minha irmã. Travessa, ela ria da minha tentativa de provocação enquanto subia no meu colo.

Irritar Malvina sempre foi divertido, assim como amá-la e fazer parte de seu mundo encantado. Aos dez anos, tudo o que eu almejava era ter uma irmãzinha. Então, quando botei os olhos naquele bebê rosado – que chorava a plenos pulmões –, soube que havia ganhado um presente. Desde aquele dia, em que jurei protegê-la para todo o sempre, Mal fisgou meu coração.

Sob o calor da lareira que crepitava, nos ajeitamos em minha cama e peguei uma escova para pentear seus cabelos. Este era o nosso ritual noturno: Malvina vinha até o meu quarto e, enquanto eu desembaraçava suas madeixas, nossa mãe contava uma de suas histórias sobre a Escócia.

— Nunca vão se cansar das minhas pequenas aventuras, não é mesmo? Bendito o dia em que resolvi contar mais sobre seus avôs. — O riso em sua voz não negava o fato de que ela adorava reviver essas lembranças.

Mamãe, lady Rowena Duff – chamada também de duquesa de Hamilton –, sempre foi uma escocesa completamente apaixonada por seu país natal. Por consequência, passou esse amor para nós. Cada noite conhecíamos um pouco mais de Fife, região na qual ela viveu por dezoito anos, e mergulhávamos em suas aventuras ao lado do pai. Órfã de mãe, desde pequena teve que acompanhar o senhor das terras de Duff em suas expedições pelo sul da Escócia. Enquanto para muitos seria impensável levar sua única herdeira para conhecer arrendatários, para o vovô essa era a melhor maneira de aproveitar a força e a luz que a filha trazia na alma. Às vezes, desconfio que mamãe era exatamente como Malvina: dona de um olhar brilhante capaz de mover céus e terras.

— Já lhes contei sobre o dia em que conheci seu pai? — mamãe disse enquanto dava início à história da noite.

Nesses momentos seus olhos âmbar, da mesma cor dos meus, refletiam a essência escocesa que exibia com tanto orgulho. A emoção com a qual ela descrevia o passado sempre tomava conta do ambiente e, em um instante, transportava minha mente para um mundo que eu não via a hora de explorar.

Fechei os olhos por um momento e tentei visualizar as paisagens que ganhavam vida na mente de minha mãe. Imaginei extensos prados verdes, carvalhos que se agigantavam pelos campos e encobriam gerações de lutas e mistérios, urze brotando do terreno arredio e colorindo a região, e o vento açoitando e avivando faces. A imagem era tão nítida que eu me via facilmente em meio às montanhas, com a brisa bagunçando meus cabelos à medida que a paisagem ao meu redor me enchia de euforia.

— Claro que já contou, mamãe. Mas ainda assim queremos ouvir — respondeu Malvina, com a voz transbordando entusiasmo.

Sua pergunta tirou-me do breve torpor causado pela esperança de viver aquilo que só conhecia por meio das lembranças de outras pessoas. Sabia que a Escócia fazia parte do meu destino, assim como

mantinha a certeza de que um dia iria cavalgar pelas terras dos meus ancestrais. Mas naquele momento, rodeada pelo calor de minha família, tudo o que queria era mergulhar na história da noite.

Durante o tempo que aguardava, concentrei-me na garotinha à minha frente, nos seus longos cabelos ruivos e no ritmo suave de sua respiração. Ela era igualzinha à nossa mãe: cabelos lisos de um tom vermelho intenso, pele branca como leite e cheia de sardas, nariz pequeno e levemente arredondado, e um sorriso sincero e contagiante. A única diferença entre elas estava nos olhos, sendo os de Malvina azuis como o céu ao amanhecer. Uma coloração única que, segundo mamãe, ela herdara de nosso avô James Duff.

Lado a lado, eu e minha irmã parecíamos completos opostos. Uma ruiva e de feições delicadas, a outra loira e de traços brutos.

— Pois bem, então preparem-se para ouvir algo que nunca contei: nosso casamento, o meu e de seu pai, não passou de um acordo comercial.

Interrompi o movimento da escova para encarar minha mãe, que sorria para nós ao se ajeitar na poltrona paralela à lareira. Em nenhum momento, ao longo dos meus quinze anos, desconfiei que a relação dos meus pais havia sido forjada por algo menos que amor verdadeiro.

— Um acordo? Mas os senhores vivem suspirando apaixonadamente pela casa! — O que, aos meus olhos, era extremamente inadequado; assistir a seus pais trocando beijos e carinhos na presença de qualquer pessoa é no mínimo constrangedor. — Não consigo acreditar, mamãe.

Sempre carreguei muitos sonhos dentro de mim. Alguns deles envolviam um casamento feliz com direito a uma casa grande cheia de crianças alegres e risonhas – se possível, tão espirituosas quanto minha pequena irmã. Mas esse desejo só surgiu por causa dos meus pais. Foram eles que me ensinaram que uma casa é construída com pedras e madeira, enquanto um lar é edificado no amor e no respeito.

— Ah, minha impaciente Brianna. Pare de me apressar. — Mamãe me encarava com um sorriso grande o suficiente para avivar seu semblante. Observei-lhe as pequenas rugas, a pele corada, as sardas marcando todo o rosto e o cabelo que brilhava ainda mais à luz da

lareira. Ela era linda, e enquanto eu me contorcia de curiosidade, minha mãe parecia cada vez mais calma ao narrar sua história:

— O casamento tornou-se viável quando seus avôs descobriram uma antiga ligação entre nossas famílias. Séculos atrás, Duff e Hamilton eram conhecidos como os clãs mais influentes do nordeste da Escócia. As relações comerciais entre eles eram fortíssimas, mas foram extintas quando os primeiros Hamilton abandonaram suas terras. Ainda não descobrimos os motivos que os fizeram migrar para a Inglaterra, mas, até onde sabemos, eles foram incentivados pela Coroa Inglesa.

— Provavelmente nosso título ducal não só procede de tal relação como também foi o grande responsável pelo deslocamento de todo um clã — murmurei, perdida em pensamentos. Ao que tudo indica, anos atrás um chefe escocês foi transformado em duque pelo rei e, junto com seu povo, acolhido no seio da nobreza inglesa. Curiosa, decidi que no dia seguinte confrontaria meu pai sobre o primeiro duque de Hamilton. Adorava qualquer oportunidade de descobrir mais sobre meus antepassados e os ramos perdidos da nossa árvore genealógica.

— Apesar da origem do título ducal e do passado que unia os dois povos, a verdade é que não era comum uma escocesa se casar com um nobre inglês. — Mamãe desviou os olhos dos meus e passou a encarar a fina aliança de ouro que rodeava seu dedo anelar. A joia continha um único e estonteante rubi, símbolo não só do amor entre meus pais, mas também do título de duquesa de Hamilton. Milhares de gemas vermelhas faziam parte do tesouro da família, mas ela escolhera apenas esse anel como lembrete de sua posição. — Então, seus avôs lutaram e barganharam até que todos os interesses comerciais fossem delimitados e quaisquer preconceitos superados. E, ao assinar o acordo nupcial, meu pai garantiu que a linhagem e as terras dos Duff não morreriam com ele.

— Mas como isso é possível? Não são sempre os homens que herdam os direitos dos bens de seus pais? — interrompi mais uma vez, feliz por saber que mamãe ainda estava ligada à terra que tanto ama.

— Essa foi a condição para que o casamento se cumprisse: que as terras dos Duff, que são nossas desde o massacre que anos atrás

extinguiu os clãs escoceses, passassem diretamente para mim e depois para os meus filhos. Papai sonhava com a perpetuação da região e lutava pelo fim da inimizade entre ingleses e escoceses. Já seu avô Hamilton, esperto e com um ótimo faro para negócios, aceitou o casamento sob a condição de ser o único lorde com jurisdição sobre o porto estuário do rio Forth, administrado pela família de meu pai. Assim, as duas famílias saíam ganhando.

E as duas nações também, cheguei a pensar.

Mamãe já havia nos contado sobre a Batalha de Culloden e como ela aniquilara os costumes dos clãs escoceses. Os ingleses acabaram com uma cultura, matando milhares de guerreiros e oprimindo os sobreviventes. Os remanescentes não podiam mais usar o título de *highlanders*, viver socialmente organizados em clãs e muito menos exibir os tartãs – vestes com as quais estavam acostumados. Por causa da guerra, eles precisaram renunciar a tudo o que conheciam como certo.

Pensar em tamanha atrocidade me deixava triste, ao mesmo tempo que aumentava o orgulho que sentia pela história da minha família. No fundo, meus avôs sempre souberam que pequenas atitudes, como laços comerciais e casamentos arranjados, podiam estreitar relações e unir dois povos afastados pela ganância.

Além disso, alegrava-me saber que eu fazia parte – mesmo que indiretamente – da história que uniu, separou e recuperou os antigos acordos entre nossas famílias.

— E o que um pedaço de terra ou até mesmo um porto têm a ver com amor? — Malvina questionou, bufando e encarando nossa mãe com o seu melhor olhar de indignação.

— Quando for mais velha entenderá que os casamentos vão muito além do sentimento que une os noivos, minha querida — respondeu mamãe com delicadeza. — Veja bem, não estou dizendo que o amor e a afeição são dispensáveis. Apenas que o matrimônio também pode ser um acordo comercial. Seus avôs almejavam assegurar o futuro de todos os seus descendentes e o casamento dos filhos foi o meio que encontraram para satisfazer tal necessidade. Mas isso não significa que eles deixaram de avaliar se a união traria felicidade para os seus lares.

A resposta não pareceu suficiente para Malvina, que continuava rígida em meu colo. Minha mente espelhava sua inquietação, não pelas revelações feitas por nossa mãe, mas pela ânsia de conhecer mais sobre meus avôs. Mesmo que tentasse, não conseguia conter as perguntas que fervilhavam em minha cabeça.

— É desse porto que vinham os carregamentos de uísque que o vovô Hamilton tanto amava, não é mesmo? — Mamãe assentiu, aguardando com paciência que eu terminasse meu raciocínio. — Penso se não seria mais proveitoso para um duque contratar um responsável para lidar com suas transações comerciais do que arcar com as despesas de um arranjo matrimonial fora do comum.

— Não se enganem, meninas. Seu avô era um duque pouco convencional. Ele buscou e aceitou, facilmente, o casamento do único filho com uma escocesa que não havia sido apresentada à sociedade londrina. E apesar de vir de uma linhagem pura e nobre, usava a influência do ducado para implementar benfeitorias por toda a região de Durham. Todos sabiam que o que realmente importava para ele eram essas terras e a felicidade de sua família, assim como o bem-estar de seus arrendatários. É por isso que seus avôs se deram tão bem, ambos possuíam valores parecidos.

Ouvi-la falar só fazia aumentar meu desejo de tê-lo conhecido. Vovô Hamilton morreu depois de ter passado dias lutando contra uma febre alta. À época, mamãe havia acabado de descobrir que estava grávida de mim, e, segundo ela, só a notícia do meu nascimento foi capaz de ajudar papai a superar o luto. Quando eu era menina, ele aproveitava qualquer oportunidade para me contar mais sobre o antigo duque: as melhorias que havia projetado para a casa Hamilton, suas viagens pelas Américas, as cavalgadas noturnas e seu amor por um uísque específico vindo das ilhas ao norte da Escócia. Por meio das memórias do meu pai, aprendi que meu avô era um homem justo e cheio de diversão no olhar.

— Mas e o amor? E o primeiro beijo? E a troca de olhares? — Malvina questionou. — É sobre isso que espero ouvir, mamãe. Por favor, não me diga que o vovô arruinou sua chance de viver um conto de fadas.

Percebi em seu tom de voz que Malvina tentava segurar o choro. Se esse não fosse um sinal suficiente de sua chateação, a cor de sua pele logo lhe denunciaria. Minha irmã estava tão vermelha quanto um tomate maduro! E isso só acontecia quando ela ficava extremamente descontente ou envergonhada.

Precisei reprimir o riso. Seu ímpeto sempre me surpreendia, assim como todas as nuances que a sua personalidade infantil revelava: ora calma e dócil, ora extremamente indomável. Talvez papai tivesse razão em dizer que todas as mulheres da casa Hamilton eram guiadas pelo calor do nosso sangue escocês.

— Minha pequena impaciente. Dei voltas demais, não é mesmo? Pois bem, saiba que o dia em que conheci seu pai foi maravilhoso. Era inverno na Escócia e, como já alertei, isso significa que o amanhecer era nublado, o vento era forte e o frio, cortante e úmido. Mas, mesmo assim, quando o vi me senti atingida por um intenso raio de sol. O cabelo loiro, assim como o seu, Brianna, brilhava; na realidade, todo ele resplandecia. — Ela falava com a voz embargada, como se estivesse vendo papai novamente pela primeira vez. — Portanto, mesmo sabendo que nosso casamento seria um acordo comercial proveitoso, não me importei com mais nada quando os olhos dele encontraram os meus pela primeira vez.

— Por quê? Ele te levou flores? Ou joias? Ah, já sei! Papai declarou juras de amor eterno, se ajoelhou e propôs casamento? — Agora Malvina estava tão animada que ficava dando pulinhos no meu colo. Pelo menos sua pele não estava mais vermelha, ou *tão* vermelha. Da cor de tomate ela foi para um belo tom de rosa-claro, como o suspiro de morango que Ava, nossa cozinheira, preparava para os fins de semana. A comparação me divertiu e falhei na tarefa de segurar as gargalhadas, mesmo quando a pequena voltou seu olhar inquisidor na minha direção.

Saindo da cadeira perto da lareira, mamãe se aproximou da cama, pegou Malvina no colo e sentou entre nós. Minha irmã rodeou-a com as mãos em um abraço lateral e eu apoiei minha cabeça em seu ombro livre. Estávamos as três tão próximas que parecíamos um único ser; rodeadas e unidas pelo calor umas das outras.

— Prometem não rir? — mamãe disse, enquanto corria a mão pela lateral do meu rosto.

Rapidamente balançamos a cabeça em afirmativa, esperando ansiosas pelo desfecho da história. Sabíamos que ele seria afortunado – afinal, éramos a prova viva disso –, mas ainda queríamos ouvir da boca de mamãe como fora ter seu próprio final feliz.

— Eu havia sido avisada da chegada da família do meu noivo e do nosso encontro. Porém, resolvi sair para uma caminhada algumas horas antes, na intenção de acalmar os nervos. Vejam bem, eu queria me casar, mas, para ser sincera, não estava feliz com a perspectiva de conhecer um lorde inglês mimado e arrogante.

— E como sabia que papai era mimado? Acabou de dizer que ele foi criado em um lar nada típico. — Eu já sabia a resposta, mas adorava ouvi-la admitir que estava errada e que havia julgado meu pai sem ao menos conhecê-lo.

— Vai me fazer dizer isso novamente, senhorita Brianna?

Abri um sorriso largo e balancei a cabeça para concordar. O movimento acabou soltando o laço responsável por prender minhas madeixas, que se soltaram em uma confusão de cachos loiros. Malvina ria enquanto mamãe tirava a escova de cabelo que estava em minhas mãos.

— Vire-se, Bri. Agora é minha vez de penteá-la. Vamos ver se conseguimos domar essas mechas, nem que seja um pouquinho.

Enquanto tirava os nós no meu cabelo, que ganhei por ter cavalgado com ele solto ao vento, mamãe finalmente respondeu a minha pergunta:

— Eu me enganei. Anos atrás, imaginei que me casaria com um jovem tipicamente inglês, aristocrático e controlador. Mas é claro que seu avô não aceitaria um casamento assim. Ele sempre soube que eu precisava de um companheiro que me entendesse, que conhecesse todos os meus sonhos e anseios. Um homem que não limitasse minha personalidade, mas, sim, que a fortalecesse. — Não precisava ver seus olhos para ter a certeza de que mamãe trazia na face uma expressão séria.

— E o que isso significa exatamente? — perguntei, imaginando como fora difícil para ela abandonar a família em nome de um casamento arranjado.

A escova corria por meus cachos enquanto eu fixava o olhar na parede à minha frente. A luz que vinha da lareira refletia nos móveis e em seus ornamentos prateados, embelezando ainda mais o aposento que, para mim, já era lindo por si só.

A cama grande era rodeada por um dossel de metal prata – da mesma cor do tecido fluido que o compunha. À direita, via-se uma janela enorme, que ia do chão ao teto e fazia a luz do sol – e às vezes a da lua – banhar o quarto e brindar meu sono. Quase todas as paredes e móveis eram em tons claros, menos a lateral de onde o fogo crepitava. Ali as cores reinavam: papel de parede azul-marinho, arabescos prateados que adornavam a lareira, poltrona revestida de veludo roxo e uma confusão de livros espalhados pelo tapete.

A composição lembrava-me um céu noturno tomado pelas estrelas. E eu não poderia amar mais esse espaço tão especial.

— Significa que o amor deve somar e nunca excluir — mamãe disse por fim. — Eu sei que cavalgar com rapidez e correr pelo bosque são atividades que fazem parte de quem você é, meu anjo. Mas como se sentiria caso seu marido dissesse que não poderia mais passar tanto tempo ao ar livre?

— Indignada! Com certeza, faria tudo que amo mesmo sem sua permissão — respondi enquanto soltava um arquejo. Provavelmente teria que cortar alguns nós do cabelo. Os puxões da escova estavam beirando o insuportável.

— É exatamente por isso, meu amor, que precisa de alguém que não a coloque nessa posição. Sua felicidade estaria comprometida ao lado de um marido que não aceitasse seu bom humor e seu espírito aventureiro. Então, por que se casaria com alguém assim? Para ficar presa em um constante embate de opiniões e prioridades? A verdade é que não existe pessoa certa ou pessoa errada, mas sim a necessidade de descobrir *quem é certo para cada um de nós*.

— E o papai era o seu certo, mamãe? — Malvina perguntou ao vir para o meu lado da cama e apoiar a cabeça em meu colo. Passando a mão em seus cabelos, tão compridos quanto os de nossa mãe, percebi que ela estava quase adormecendo. Mas, mesmo aliviada por seu

sono iminente, tinha certeza de que a pequena não pregaria os olhos até ouvir o desfecho dessa história de amor.

— Sim, minha menina, ele era. — Depois de mais um arquejo de reclamação, mamãe percebeu meu desconforto com a escova e começou a usar as mãos para terminar de desembaraçar meu cabelo. — Para ser sincera, vivia consumida pelo medo de que seu pai buscasse uma perfeita e aristocrática duquesa. Na época, eu não fazia ideia de quais eram as responsabilidades de um duque, mas já escutara histórias sobre discriminação social e constante ostentação. E se assim fosse, eu sabia que não seria capaz de viver em um mundo controlado por regras rígidas e tolas.

No fim, provou-se que papai e mamãe eram perfeitos um para o outro. Nunca havia visto um duque e uma duquesa tão avessos aos traquejos sociais. Acredito que morar distante de Londres deu a eles a certeza de que não precisavam da sociedade e de suas leis para nada.

Terminando a tarefa de domar meus cachos, mamãe passou a nos ajeitar para dormir. Incitando-nos a deitar, ela nos beijou na fronte e nos cobriu com um pesado cobertor. E enquanto eu tentava deixar uma Malvina bem sonolenta confortável em meu travesseiro, minha mãe caminhou até a lareira e colocou mais lenha para queimar.

Novamente acomodada na poltrona roxa, ela continuou sua narrativa – provavelmente na esperança de que logo dormíssemos.

— Eu estava apavorada, mas não queria assumir que tinha medo do meu noivo e de tudo o que ele representava. Então, sabem o que fiz? Fugi para o campo. Estava empoleirada em uma árvore quando Brandon me encontrou. Ele já havia tomado chá com meu pai e conhecido os arredores da propriedade Duff. E, quando resolveu procurar a futura noiva, deparou-se com uma escocesa descabelada, suja e cantando preces em cima de uma macieira. Quando vi que ele se aproximava, tentei me esconder, mas acabei desequilibrando. Mesmo assustada, estava pronta para arremessar uma maçã em sua cabeça caso ousasse repreender meu comportamento. Mas sabe o que seu pai disse? Ele me olhou com um sorriso de canto de boca, igual a esse que adora exibir por aí, Brianna, e...

— Pedi que ela aproveitasse a descida e colhesse uma maçã para mim também, já que, assumindo com toda minha humildade e sinceridade, nunca conseguiria subir em uma árvore sem cair e quebrar algum osso do corpo — disse papai, entrando no cômodo, acomodando-se atrás da poltrona onde mamãe estava e colocando as mãos nos ombros dela. — Claro que Rowena achou que eu estava caçoando e me arremessou a fruta na cabeça. Mas valeu a pena porque a força do lançamento acabou por desequilibrá-la.

— E seu pai aproveitou a queda para rir; *não*, gargalhar — disse mamãe, com um sorriso apaixonado no rosto.

— A senhora caiu? Isso não é nada romântico ou seguro para um primeiro encontro! E pai, que maldade dizer que isso foi bom. E se mamãe quebrasse algo ou se machucasse de verdade? Tenho certeza de que não teria casamento. Eu não me casaria com um homem que me vê caindo e ainda ri de mim! — Mais uma vez tentei segurar as gargalhadas que faziam cócegas em minha garganta, mas o horror na voz de Malvina me divertia. — Pare de rir de mim, Brianna Hamilton! Estamos falando de amor, amor para uma vida inteira, amor digno de um final feliz.

— Mas, minha pequena, nosso amor foi e é assim. Sua mãe não se machucou ao cair. E sabe por quê? Porque ela caiu em cima de mim! Quando, já no chão, nossos olhares se cruzaram, soube que havia sido, literalmente, derrubado por aquela mulher. E no mesmo instante dei-me conta de que meu coração sempre seria dela — disse papai, aproximando-se da cama e ajoelhando-se para ficar na altura dos olhos de Malvina.

Ele estava tão próximo de nós que eu conseguia sentir o cheiro de terra e natureza que emanava de suas roupas. Nosso pai herdara do antigo duque o gosto pelo diferente. Em seu período na faculdade de Oxford apaixonou-se pela botânica e fez desse amor uma fonte de pesquisa. Provavelmente era por esse motivo que mantínhamos residência fixa em Durham. Segundo ele, em Londres a natureza era vista como um bônus para a beleza da cidade, enquanto aqui o verde sempre seria tudo o que somos.

— Jura que se apaixonaram tão rápido, papai? — Malvina questionou com a voz acalmando e assumindo um tom sonhador. — Bri sempre lê histórias sobre bailes de máscaras, casais separados por suas famílias, sapatinhos perdidos e feras transformando-se em príncipes, mas um conto de fadas como o seu e de mamãe parece-me ainda mais especial.

— Juro de coração, meu anjo — ele disse ao apoiar o corpo na lateral da cama e unir nossas mãos nas suas. — Assim que vi sua mãe cantando em cima daquela árvore soube que ela era tudo o que eu ansiava: alguém que desafiasse minhas certezas e que estimasse o campo e a natureza tanto quanto eu. Foi amor à primeira vista, então tive que correr atrás dessa escocesa teimosa e provar meu amor. Até hoje é isso que faço; agradeço a seus avós por nosso casamento e provo a Rowena que somos perfeitos juntos.

Ao terminar de falar, ele voltou o olhar para mamãe. Tal troca de olhares aqueceu meu coração sonhador. Vi, transbordando entre meus pais, uma relação baseada no amor, na amizade e no apoio mútuo. Existia tanto carinho entre eles! E mesmo com idade suficiente para saber que nem todos os casamentos eram abençoados assim, jurei que um dia encontraria aquele tipo amor.

Um amor forte, resiliente e sincero.

— Agora vamos dormir que já é tarde e amanhã temos muitos afazeres. As quero acordadas antes do amanhecer, pois bem? Precisamos ir à vila providenciar alguns vestidos de verão. Logo as férias chegarão e nossos convidados também — mamãe disse, piscando na direção de papai e seguindo para a porta do quarto com um sorriso estampado na face.

— Boa noite, minha Bri. Durma com as estrelas. — Papai afagou meus cabelos e depositou um beijo suave em minha fronte.

Voltando a atenção para Malvina, que a julgar por sua respiração pesada já estava dormindo, ele a pegou no colo e seguiu mamãe.

Completamente sozinha e envolvida pela típica solidão noturna, peguei-me sonhando acordada, imaginando o dia em que — assim como minha mãe — estaria me aventurando pelos campos da Escócia,

vivendo sem regras e cobranças, caminhando para um final feliz maravilhoso ao lado do meu amado.

Adormeci planejando um futuro que contava como certo. Em minha pureza de menina, tudo o que eu queria era estar rodeada pelas pessoas que amava e repleta de experiências para contar quando chegasse a minha vez de pôr meus filhos, ou sobrinhos e netos, para dormir.

